

Soberania Digital ... E eu com isso?

No final do século XIX, um grupo de inquietos cearenses decidiu que arte se fazia com pão quente e crítica social. Nascia a Padaria Espiritual, forno de ideias e fermento do que viria a ser o modernismo brasileiro.

Isso é soberania cultural — com sotaque, irreverência e alma própria.

No caos pandêmico do século XXI, enquanto o mundo implorava por oxigênio, o Elmo — capacete de ventilação criado pelo professor Marcelo Alcântara — salva vidas com ciência feita no Ceará, tendo o SUS como trincheira.

Isso é soberania em saúde — com pesquisa, urgência e humanidade.

Na engenharia, enquanto muitos repetem fórmulas prontas, Joaquim Caracas inova com o Plavplan e outras patentes internacionais que desafiam o concreto e a “burrocracia”.

Isso é soberania em engenharia — com inventividade e resistência estrutural.

E quando o leilão do 5G parecia jogo marcado para os gigantes, José Roberto de Pereira e sua Brisanet fincaram fibra óptica no sertão e “mini datacenters” (tecnologia própria) nas adjacências.

Isso é soberania em telecomunicações — com visão, ousadia e sotaque regional.

Agora que você entendeu o que é soberania — com essa ruma de cearenses inventando o futuro no sertão, no hospital, na obra e na fibra — vamos falar da mais escorregadia de todas: a soberania digital.

Essa onda invisível, sedutora e ligeiramente apocalíptica, já invadiu nossas vidas feito enchente em beco sem bueiro — e a gente mal percebeu.

Imagine você aí (ainda de luto pelo Vojvoda), com sua vida tranquila (como nos tempos dos “rabo-de-burro” da Praça do Carmo), e de repente seu GPS, WhatsApp, Instagram, Google Drive — todo esse paraíso digital — fosse desligado. No seco.

Pois é. E o biloto não tá na tua mão, nem na do novo técnico do Lion (ainda nem sei o nome dele... rrsr). Tá guardado a sete chaves no paiol do “lorim dos zói azul”, aquele Zé Doidin que posa de estrategista global — um coronel com bomba nuclear e complexo de messias cansado. Com uma mão, faz tarifaço pra parecer que protege empregos. Com a outra, financia (segundo Bernie Sanders) o outro Zé doindin — versão desalmada e armada, que desinventa infância massacrando crianças famintas em Gaza.

E o que foi que aconteceu contigo, reles mortal do Parque da Paz, que reclamava do preço da carne, mas hoje paga, sem nem pestanejar, uns R\$ 300 por mês (média da classe média) pra manter sua existência digital: Office, Netflix, Spotify, os ChatGPTs da vida...

Pois é. Virou colônia sem perceber.

Esse boleto disfarçado de modernidade é teu atestado de colonizado digital — e tu ainda assinas com orgulho, achando que tá “na crista da onda”. Pare com esse entusiasmo de colonizado, que me irrita ... rrsr).

E o que será de você, consumidor empedernido, que não consegue ficar cinco minutos longe da sua rapadura eletrônica — esse totem digital que te lambuza mais que “menino do buchão” com picolé de graviola da Pardal?

Adestrado que foi, pra comprar, deslizar e assinar — como quem reza um terço eletrônico sem nem saber o que tá pedindo — virou devoto de um altar touchscreen, sempre pronto a consumir tudo que piscar ao alcance do dedo, desde que venha de fora, com cheiro de embalagem gringa.

Mas me diga, Seu Menino e Dona Menina ...

E quando a grana apertar — e ela vai — o que você vai fazer quando não der mais pra bancar os caprichos das Big Techs, essas madames digitais, que te vendem ansiedade como se fosse inovação, e empacotam carência em caixas de promessa com frete internacional?

Tá bom! Chega dessa malemolência digital de quinta categoria. Bora acordar!

Fecha os olhos (mas só um tiquinho — vai que o sistema aproveita pra te deslogar da realidade) e imagina o Brasil que não se curva nem pede benção nem licença:

Um país que cria tecnologia, que exporta inteligência, e que consome o que produz ...

Um país soberano, fazedor de suas próprias utopias: das Padarias Espirituais que assam ideias, aos Elmos que salvam vidas, aos Plavplans que desafiam o concreto, às Brisanets que conectam o sertão antes da Faria Lima.

Quer um exemplo de soberania tupiniquim, daqueles que faz gringo coçar a cabeça?

Pois toma: o PIX.

Sim, senhor. Uma inovação MADE IN BRAZIL, criada por gente daqui, sem pedir tutorial pra Harvard nem permissão ao Vale do Silício, socializada com gosto — do rico engravatado do mercado financeiro ao pobre guerreiro do Mercado dos Peixes, aquele que nunca teve nem conta no banco, mas agora faz transação com o polegar.

O PIX não pediu licença. Pulou o VISA, ignorou a maquininha, driblou o banco. É dinheiro fluindo direto, na veia, com CPF, dignidade e sem taxa escondida.

Um país que faz um PIX desses... é país pra dar e vender (ÔPA! rsrs), quer dizer — é país pra inovar e vender com autonomia, com cabeça erguida, com ginga e com orgulho de peito aberto pra dizer, sem tradução: aqui também se inventa o futuro.

Estamos vivendo um tempo de disrupções velozes, daquelas que galopam na maré de Saint-Malô, com espuma nos cascos e algoritmo na sela, atropelando quem ainda insiste em decifrar o presente com os mapas mofados do passado.

Antes de nos preparar pro novo, é preciso compreender que “o novo sempre vem” (falava o bigodudo Belchior) ... e já chegou, sem pedir: “licença, seu Zé!”. Não dá pra remar com remo velho em tsunami digital. Ou você aprende a surfar essa onda, ou vira náufrago no Wi-Fi dos outros.

Diante de toda essa lenga-lenga tecno-futurista, vem a pergunta que não quer calar: Que país queremos ser?

Um país em efervescente colonização, como nossos antepassados diante das bugangas portuguesas?

Um país “maluco beleza”, doido por tecnologia, mas atento à sedução embriagante das big techs gringas?

Ou, melhor ainda, um país brasileiro, consciente e soberano, que entende que não existe soberania social nem econômica sem soberania digital?
Soberania Digital... e eu com isso?

Tem tudo a ver com “eu, tu ele, nós, vós, eles”.

É sobre não ser refém, nem cúmplice, nem um inocente abestado útil, aplaudindo quem te vigia, pagando pra quem te controla, e ainda dizendo "obrigado" com cinco estrelas.

É sobre ter o próprio pão, o próprio código, e a própria voz. Sem tradução, sem permissão, sem pedir desculpas.

Mauro Oliveira

Autor do Livro “Soberania Digital - Colonização e Letramento”, é Eletrotécnico (IFCE), tem mestrado em Enga Elétrica (PUC-Rio), PhD em Informática (Sorbonne University). Foi Secretário de Telecomunicações do Ministério das Telecomunicações.